

Primeiros escritos

“Seria muito impertinente da sua parte não morrer nos próximos três meses”



Ana Luisa Pires Padula

É a partir da frase da personagem Frosina (p. 38), de Molière, que se inicia esse trabalho sobre velhice, morte e teatro, mais especificamente na peça “O Avarento”.

Não terá ele vergonha, com a idade que tem, de pensar em casar-se? achas que lhe fica bem o papel de apaixonado? e não seria seu dever deixar essa ocupação para os mais novos? (Cleanto, “O Avarento”, Molière, p. 51)

Velhice e morte

A relação humana com a morte varia de acordo com o tempo e a cultura e, acreditava-se, em muitas culturas antigas, que havia continuidade pós-morte – o que vale ainda hoje em diferentes religiões e crenças, como Cristianismo, entre outras, ou em reencarnação, como no Budismo.

Para Ariès (1977), a morte foi vista, por muito tempo, de modo pacífico e familiar. Já Magalhães *et al.* (2012), citando DUBY (1919-1996)¹, indicam que na Europa medieval, enfrentando a peste negra, a morte estava em todo lugar, e apresentava uma aparência grotesca: mortos jogados nas ruas, sem caixões

¹ George DUBY – Historiador francês, especialista em Idade Média. Escreveu mais de 70 livros e coordenou coleções importantes, como a História da Vida Privada (1985). (Nota da editora)

para todos. É um exemplo de como a morte pode ter ganhado um olhar mais tétrico, sombrio.

Este é o olhar a morte que influencia o modo pelo qual a sociedade trata o assunto e também os mais velhos. Foi criado sobre a morte um tabu, e conseqüentemente, sobre aqueles que estão mais próximos dela. O rosto velho funciona, muitas vezes, como um lembrete do fim da vida, com as marcas da passagem do tempo, que a medicina tenta, incansavelmente, evitar, por meio de cosméticos e remédios.

O sistema capitalista também, muito focado na produção, valoriza corpos jovens, produtores, que contribuam economicamente para o sistema, descartando corpos idosos nos hospitais e asilos, de modo que a morte se torne cada vez menos presente no dia a dia. A velhice acaba, por fim, sendo “jogada para escanteio”.

Um exemplo é a forma pela qual os mais velhos são tratados na arte e na mídia, em personagens caricatos que reforçam preconceitos, como do velho “gagá”, ou conservador, entre outros estereótipos existentes. A partir desta perspectiva buscaremos, neste texto, uma maior compreensão do papel do velho e da velhice na cultura ocidental.

Teatro e velhice

*Lá isso é verdade; mas uns vinte anos a menos não me fariam mal nenhum, creio eu.
(Harpagão, “O Avarento”, Molière, p. 26)*

O velho é representado em diversas mídias atualmente, como livros, novelas, filmes, seriados, entre outros, porém se buscará aqui exaltar o teatro, e mais especificamente, a *Commedia Dell’Arte*.

A *Commedia Dell’Arte* é um gênero teatral, cujas origens remontam à Itália de meados do século XVI, de peças improvisadas, onde os atores usavam máscaras que representassem seu personagem, de acordo com o arquétipo que este representava. As peças, apesar de improvisadas, seguiam uma ideia, que se dava a partir das relações de patrão e empregados.

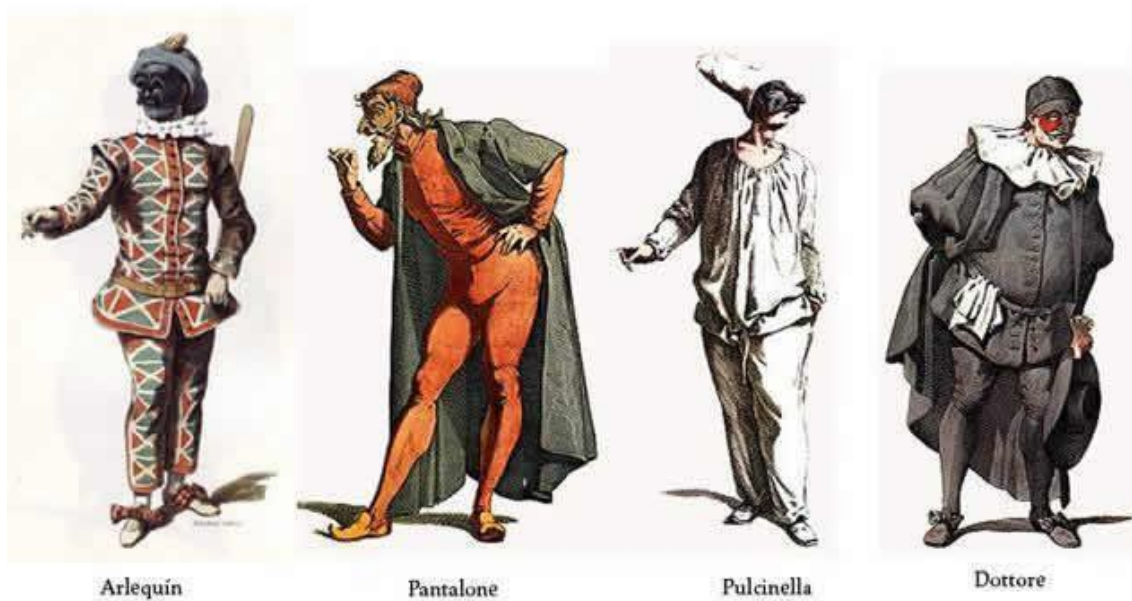
Alguns personagens eram comuns nas peças de tal gênero teatral. Segundo Manoel (2016, p. 5):

Os principais personagens tipos são: Zanni, Enamorados (sem máscaras), Pantalone, Tartaglia, Dottore, Capitano, Arlechino e Briguella. Cada personagem possui um objetivo bem claro. Os enamorados só possuem olhos um para o outro. Dentre os patrões, Pantalone representa os mercadores, tendo como obsessões dinheiro e sexo [...] O chamado Zanni é quem dará origem a todos os servos, e Arlecchino é o mais conhecido. Sempre está com fome e, apesar de preguiçoso, é ágil e atrapalhado [...]. Outros personagens que foram criados

posteriormente são a Pascuela, que representa a sabedoria ancestral e lembra uma bruxa, e Aragonda, uma servente que usa a beleza para conseguir vantagens pessoais.

As peças da *Commedia dell'Arte* eram de crítica às relações de trabalho, entre empregador e empregados, e funcionavam como sátira. A partir do trecho acima, percebe-se que o Pantalone representava o patrão, e dessa forma referia-se a um homem de 60 anos ou mais, que muitas vezes era avarento e era interdita o amor dos enamorados, sendo ou o pai que não quer permitir o casamento, ou então o homem deseja casar com a mulher do casal.

Este gênero teatral inspirou diversos autores, entre os quais Molière (1622-1673)², que baseado nas personagens ‘tipo’, fazia uma crítica à sociedade nobre de sua época, na França.



“O Avarento” de Molière

Numa palavra, ama o dinheiro, acima da reputação, da honra e da virtude; e mal avista um pedinte fica com convulsões. É feri-lo no ponto mortal, é perfurar-lhe o coração, é arrancar-lhe as entranhas. (Flecha, “O Avarento”, Molière, p. 25)

O *Avarento*, obra de 1668, apresenta os elementos da *Commedia dell'Arte* e funcionava como crítica, por meio da sátira, aos nobres da época. Conta a história de Harpagão, homem velho, pai de dois filhos - Cleanto e Elisa - muito controlado com seu dinheiro, como indica o título da peça. Ele afirma que irá se casar com uma jovem, coincidentemente a mesma por quem Cleanto está apaixonado, e que Elisa (apaixonada por Valério, empregado de confiança de

² Jean-Baptiste Poquelin – dramaturgo, ator e encenador francês, considerado um dos mestres da comédia satírica.

Harpagão) deverá se casar com um homem mais velho, chamado Anselmo, que aceitou se casar sem dote, o que para o pai é algo extremamente positivo.

A história se desenrola conforme o anfitrião busca preparar um jantar para recepcionar os futuros noivos, com a ajuda de Valério, que sempre busca agradá-lo e, também, como forma de facilitar seu casamento com Elisa.

Harpagão não quer abrir mão de Mariana, sua jovem noiva, que é apaixonada por Cleanto, o que faz com que seu filho, juntamente com seu servo Flecha, roubem o baú, que o pai tanto estima, que contém sua fortuna.

Ao final, descobre-se que Mariana e Valério são irmãos, e filhos de Anselmo, homem muito rico, o que faz com que os enamorados possam sem casar, satisfazendo também Harpagão, que não tem gastos com os casamentos, e tem seu baú devolvido.

A partir desse breve resumo, torna-se possível perceber que Harpagão tem muito em comum com o personagem tipo Pantalone, comum nas peças da *Commedia dell’Arte* - um homem mais velho, chefe, avarento e que atrapalha os enamorados, no caso tornando-se tanto noivo de Mariana, como também o pai que compromete sua filha Elisa a um outro casamento. É repetidamente caracterizado como um homem inflexível em suas opiniões, e que estima o dinheiro mais que qualquer outra coisa.



Percebe-se, assim, a imagem cultural do velho como avarento e ‘rabugento’ e que atrapalha o casal de mocinhos apaixonados. Tem que se levar em conta, obviamente, o contexto histórico, de forma que o arquétipo teatral do Pantalone representava os nobres no poder, geralmente mais velhos, e que ainda influencia parte dos pensamentos sobre velhice. Harpagão representa o

conservadorismo e a avareza tão presentes nos estereótipos relacionados aos idosos.

Outro ponto interessante também é o modo como alguns personagens referem-se a Harpagão, e seus filhos - Cleanto e Elisa - animam-se com a ideia da morte do pai. Frosina, ao citar o contrato de casamento de Mariana, afirma que o homem deverá morrer nos próximos três meses. Neste contexto indica que o casal é sempre jovem, e o ‘vilão’ da história é sempre velho, e as implicações de tal construção.

Velhice do ponto de vista analítico e conclusões finais

É para não o irritar, e para melhor atingir o meu intento. Contrariar frontalmente os seus sentimentos é a melhor maneira de deitar tudo a perder...
(Valério, “O Avarento”, Molière, p. 18)

Importante retomar que a velhice, associada a morte, como visto nos trechos citados, é apontada como algo negativo. Os velhos são esquecidos, ultrapassados, avarentos, associado hoje ao sistema capitalista - focado na produtividade monetária - e que joga os idosos para campos turvos e esquecidos. É preciso trazer um novo significado para a velhice.

Carl G. Jung (1875-1961)³, psiquiatra suíço, apontava que assim como qualquer outra fase da vida, a velhice tinha seu objetivo - a sabedoria - uma fase na qual as figuras presentes na vida - pais, irmãos, primos – se vão e a aproximação de si-mesmo torna-se muito importante.

Segundo o autor, ao se aproximar da morte, o ser humano consegue entender melhor o que é importante em sua vida, e livrar-se de assuntos fúteis e superficiais, que em nada ajudam para o autoconhecimento (MAGALHÃES *et. al.*, 2012). A velhice como período de busca de significados, rumo à totalidade, objetivo do processo de individuação, desenvolvimento psíquico vivenciado por todos.

Ao olhar a velhice dessa forma - como uma busca pelo todo, e não simplesmente o fim da vida e a não produtividade - passa-se a enxergar os sujeitos idosos de uma nova forma. É necessário que as ideias sobre velhice se estendam para além do Pantalone, para além dos diversos Harpagões que são diariamente nas mídias.

³ Psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica, propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo. O conceito central da psicologia analítica é a individuação - o processo psicológico de integração dos opostos, incluindo o consciente e o inconsciente, mantendo sua autonomia relativa. Considerou a individuação como o processo central do desenvolvimento humano, e seu trabalho tem sido influente nas áreas da psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura e áreas afins.

A velhice é sim uma aproximação física da morte, mas junto com isso vê-se também, como dito por Jung, a possibilidade da sabedoria e o conhecimento. Esse ponto de vista é relevante a partir do momento que dá sentido para a última fase da vida, apesar do sistema e mundo atuais sempre descartarem pessoas que nela se encontram.

Referências

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Ediouro Publicações, 2003.

MAGALHÃES, G.P.; Gonçalves, G.R.; Sawaguchi, G.; Taba, S. & Faria, D.L.de. (2012, agosto). Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), “Finitude/Morte & Velhice”. Agosto, 2012, pp.133-160 (online). ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

MANOEL, P.S. A Comedia Dell’arte como método de preparação do ator contemporâneo. *Criar Educação - UNESCO*, 2016.

MOLIÈRE. “O Avarento”. Tradução de Alexandra Moreira da Silva, 2009.
<https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2014/10/moliecc80re-o-avarento.pdf>

Data de recebimento: 25/11/2020; Data de aceite: 18/12/2020

Ana Luisa Pires Padula - Aluna do 5º período da graduação do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Trabalho escrito na disciplina “Velhos nas peças de teatro”, ministrada pela profa. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, que teve como proposta analisar como o teatro oferece farto material para análise do processo de envelhecimento contemporâneo. E-mail: aninhapadula@hotmail.com.